

O livro num mundo globalizado

Héris Arnt*

RESUMO

Este artigo tem o propósito de abordar algumas questões sobre o livro na atual fase de globalização, mostrando a relação entre a literatura e os outros produtos da indústria cultural. A principal questão envolvendo este campo é saber se a literatura ainda tem relevância no mundo contemporâneo e se corresponde, numa perspectiva mais abrangente, a um meio de comunicação.

Palavras-chave: literatura, imaginário simbólico, intertextualidade, globalização, fragmentação

ABSTRACT

This article proposes to broach some issues about the book in the present globalization level, showing the relationship between literature and other Cultural Industry's products. The main issue which involves this field is to know if literature is still relevant in the contemporary world and if it corresponds, in a extended perspective, to a mean of communication.

Key-words: literature, symbolic imaginary, intertextuality, globalization, fragmentation.

RESUMEN

Este artículo tiene el propósito de abordar algunas cuestiones sobre el libro en la actual fase de la globalización, mostrando la relación entre la literatura y los otros productos de la industria cultural. La principal cuestión envolviendo este campo es saber si la literatura aún tiene relevancia en el mundo contemporáneo y si corresponde, en una perspectiva más amplia, a un medio de comunicación. Palabras clave: literatura, imaginario simbólico, intertextualidad, globalización y fragmentación.

Indissociável da maneira de ser e pensar do homem, a literatura perde na contemporaneidade sua aura. Integrada ao sistema de produção da indústria cultural, a literatura ainda é um meio de comunicação, respondendo às inquietações do homem? O termo “meio” está sendo intencionalmente utilizado, para se estabelecer de imediato a ligação entre literatura e o universo midiático.

Partindo-se de um enfoque histórico, podemos dizer que a literatura foi a base da comunicação de massa no século XIX, quando os escritores começaram a escrever para os jornais folhetins, contos e crônicas, dando, assim, os primeiros passos em direção à massificação da cultura. Esta abordagem tem por objetivo pontuar, de início, nossas opções teóricas, que vêm a literatura por um viés sociológico.

O romance do século XIX torna-se, praticamente, um produto da mídia impressa. Este fenômeno foi geral no Ocidente. Assim foi com Dostoiévski, na Rússia, que escrevia folhetins e se inspirava nos casos policiais divulgados pela imprensa; os romances de Balzac, na França, foram escritos originalmente para jornais; Charles Dickens, na Inglaterra, e Machado de Assis, no Brasil, escreveram sob a forma de folhetins. E a lista poderia se alongar. Se, no século XIX, a literatura chega às massas, através dos jornais, revistas literárias e fascículos, é porque ela representava um meio de comunicação muito forte que favorecia os laços sociais; e isto foi possível porque existia um imaginário simbólico compartilhado, fruto de uma representação coletiva, idealizada ou não, de um projeto de sociedade ou de humanidade. Essa literatura, no sentido mais amplo do

termo, era engajada numa ideologia da educação, da cultura, do progresso individual e coletivo. Pode-se mesmo dizer que ela era didática. Impossível ler a obra de Dickens sem se pensar num projeto político de justiça social; José de Alencar sem acreditar na possibilidade da construção de uma identidade nacional brasileira; ou Flaubert, ficando indiferente ao papel corretivo dos costumes que ele confere à obra literária. Isto para citarmos escritores de estilo e fases totalmente diferentes.

Nenhum autor, talvez, tenha feito com tanta maestria esta ligação entre imaginário simbólico e tensão emocional como Victor Hugo. Apesar de não ter sido um folhetinista (seus livros não foram originalmente escritos para jornal), sua obra foi reproduzida nos jornais, em capítulos; e um eficiente sistema de vendas em fascículos permitiu a divulgação massiva e penetração popular de sua obra. Victor Hugo foi um fenômeno de massa no século XIX. Algumas questões que envolvem sua vida e obra mostram esta ligação do autor com sua época e seus leitores. Seu enterro provocou uma convulsão nacional, com milhares de pessoas acompanhando o cortejo até o cemitério – prenunciando um fenômeno que seria marcante um século depois, com a indústria cultural do cinema. Podemos ver, ainda hoje, nos documentários sobre cinema, a massa ensandecida no enterro de seus *stars*. O imaginário simbólico captado por Victor Hugo atravessa os séculos e chega incólume ao século XXI, nas reproduções musicais da Broadway, em que *Os Miseráveis* é um ícone. Mais recentemente, a montagem musical francesa do *Corcunda de Notre Dame* emocionou multidões.

Nada disto existe na literatura de hoje; ao contrário, ela torna-se fragmentária, dirigida para segmentos compartimentados da sociedade. Para o escritor alemão Hermann Broch, isto representa o fim da literatura. Para ele, a

literatura deve ser o espelho do mundo e representar a totalidade deste. Assumindo, assim, uma função de conhecimento. Na contemporaneidade, a literatura representa o mundo não na sua totalidade – no sentido de construção de valores universais – mas na fragmentação e na fratura, e torna-se parte integrante de uma comunicação intertextual total em que todos os produtos culturais do universo mediático estão incluídos. Espelho não do mundo, mas do fragmento, a literatura conserva, no entanto, sua função de conhecimento.

A contemporaneidade coloca em xeque uma certa visão da literatura, como fruto de três diferentes vertentes: a universal, a de massa e a regional. Aqui cabe um parêntese explicativo sobre o caráter universal da literatura: consideramos como universal não a literatura que emana de uma cultura elitista, mas a literatura que corresponde ao que George Steiner define como um “logos” universal, que é o que permite a comunicação e a tradução. A comunicação de uma língua para outra, como no interior da própria língua, é um processo de tradução. Para o autor, a língua tem duas características, uma particular e outra universal. A comunicação só é possível porque existe possibilidade de fusão entre o universal e o particular. Deste ponto de vista, a dicotomia entre literatura regional e universal desaparece, enquanto o particular, em seu sentido estrito, tem caráter excludente, exige iniciação e tende à repetição e à exacerbação. Na cultura de massa, por definição, o discurso busca a unificação, com o objetivo de atingir o maior número de pessoas heterogêneas. Em decorrência disto, os temas procuram encontrar o mínimo denominador comum, o que significa homogeneização e pasteurização – diluem-se fronteiras, desaparecem as particularidades.

A condição de universalidade da literatura não desaparece na contemporaneidade, mas a questão não tem mais nenhum sentido. Não

se trata mais da comunicação de um “logos” universal, mas da transmissão de códigos particulares acessíveis a um grande número de pessoas. A tendência da literatura é, pois, a especialização. O sentido particular dá um caráter de intraduzibilidade, favorece os adeptos do mesmo código, cria laços de comunicação. Para Michel Maffesoli, os laços sociais existem, mesmo que a comunicação não seja direta. Os laços podem mesmo ser profundos entre leitores de um mesmo gênero. O sentimento de pertencer a um grupo é mesmo muito forte entre leitores dos livros de série de horror, de ficção científica entre outros.

A literatura contemporânea integra-se ao mercado cultural, ao lado dos outros produtos da indústria cultural, é um dos fragmentos desse discurso intertextual total. E quando falamos em fragmento, estamos nos referindo a um discurso de construção e reconstrução de códigos. A literatura, como todos os outros produtos culturais, estabelece uma comunicação segmentada. E isto não quer dizer que os grandes temas universais não tenham mais lugar na literatura contemporânea, mas apenas que eles têm o seu público cativo delimitado. A vocação da literatura é, cada vez mais, produzir para um segmento determinado – os adeptos da ficção científica, dos livros policiais, do assédio sexual, etc. A globalização e internacionalização dos produtos culturais difere do fenômeno de cultura de massa, que perdurou até recentemente. Mesmo que se trate de um consumo em escala mundial, o mercado é totalmente segmentado, não diferente do xampu. O produto ideal de massa, que reproduz valores universais, que agradaria a um público heterogêneo, de gostos e culturas diferentes, não existe mais. A indústria procura o consumidor tipo de seu produto, lá onde ele estiver – do Japão ao Brasil.

A tendência da literatura é, cada vez mais, produzir para um determinado setor da sociedade. A globalização na produção cultural não significa,

necessariamente, o fim dos regionalismos e destruição de um sentido universal. Tudo é produzido ao mesmo tempo para todos os gostos. E a indústria vai procurar os produtos e os produtores culturais onde estiverem, em qualquer parte do mundo, para assegurar a produção absolutamente gigantesca do mercado cultural.

Paradoxalmente, na atual fase de globalização, podemos observar pluralidade, diversidade de códigos, multiplicação rizomática de produtos culturais quanto à criação e centralização quanto à produção. Poucos conglomerados dominam o mercado da produção cultural, e o livro está interligado a este sistema. Mas, apesar das grandes editoras produzirem integradas ao setor da indústria cultural, existe um dinâmico e variado setor, de pequenas empresas, produzindo fora do esquema. Milhares de editoras, espalhadas pelo mundo, formam uma linha de frente tentando antever os rumos que o gosto do público vai seguir. Na produção editorial atual predomina a política do grande número de títulos, com pequenas tiragens, na expectativa de se encontrar a obra que se tornará bestseller. É neste aspecto que a análise da produção editorial é importante para a compreensão de todo o sistema cultural. Uma consequência disto é o aumento considerável de títulos publicados. Nunca se publicou tanto – títulos novos, clássicos, títulos esquecidos, traduções. Traduz-se muito, de todas as línguas para todas as línguas.

Apesar da indústria cultural ser predominantemente globalizada, produzindo para o mercado mundial, os receptores dos produtos culturais são segmentos bem determinados da sociedade. Nós não estamos mais numa lógica de homogeneização, da cultura de massa – em que os filmes americanos dos anos de ouro de Hollywood foram modelares. Qualquer que fosse o gênero dominante, misturava-se uma pitada de sexo, amor, violência, suspense, para agradar a todos, em qualquer lugar do planeta. Os produtos

culturais da contemporaneidade são produzidos para um público alvo específico. Talvez isto explique o desgaste da “receita” de novelas brasileiras de televisão, que alternam em doses pasteurizadas o arrivista, o vilão, o enriquecimento ilícito, o empobrecimento nobre, em situações de suspense, sexo, violência e pieguismo, com o objetivo de agradar a todos os segmentos da sociedade brasileira.

A tendência à segmentação provoca interdependência entre as diferentes mídias, mais do que no interior de um mesmo meio. Exemplificando, o livro se articula com um filme, vídeo, videogame que reproduzem o mesmo universo imaginário, mais do que com diferentes gêneros literários. As pessoas não “lêem” de maneira genérica, mas lêem especificamente o que está sendo produzido, na medida certa, do seu gosto.

Se a literatura reproduz o imaginário fragmentado da contemporaneidade, ela traz nela o “vírus” do seu próprio questionamento. E isto é possível porque a literatura tem uma forma portadora de sentido. A descontinuidade do discurso literário reproduz e denuncia a fragmentação e a expansão ilimitada de códigos da nossa era. O que a literatura está querendo dizer, de forma indireta, é que o remembramento de todos os fragmentos, para se encontrar a coerência do sistema, é absolutamente impossível – as intuições pessimistas de Broch se realizam na pós-modernidade, quando ele prevê que esses fragmentos tendem a ter vida própria, se fecharem neles mesmos e se tornarem absolutos. Esses sistemas de valores tornam-se “estrangeiros uns aos outros” (Broch, 1966: 226).

Michel Maffesoli, de maneira mais otimista, observa a mesma fragmentação da sociedade. Para o autor, o corpo social divide-se em partes autônomas, formando grupos – as novas tribos –, tornando mais complexa e orgânica a estrutura da sociedade: “Cada grupo é, para si mesmo, seu próprio absoluto. Esse é o relativismo afetivo que se traduz, especialmente, pela conformidade dos estilos de vida. Tal coisa pressupõe, no entanto, que exista uma multiplicidade de estilos de vida – de certa forma, um multiculturalismo. De maneira conflitual e harmoniosa, ao mesmo tempo, estes estilos de vida se põem e opõem uns aos outros (Maff. 1998: 125).

A última questão envolvendo o livro, sobre a qual não

podemos deixar de fazer referência, mesmo que rapidamente, é sobre sua inserção no universo da multimídia. Com um número cada vez maior de livros copiados em disquetes e em CD-Rom para serem lidos *on line*, uma questão que se coloca é sobre o destino e a sobrevivência do livro impresso. Nós assistimos, com o advento das novas tecnologias de comunicação, à evolução do livro, que se liberta da forma restritiva do “códex” das escrituras católicas. Para Arlindo Machado, a passagem do livro impresso ao monitor recupera a significação primeira de conteúdo que a palavra livro continha antes da invenção da forma atual, já velha de mais de 17 séculos. Os meios eletrônicos abrem a possibilidade ilimitada de participação na construção do texto. Se o livro vai continuar a existir, na sua forma “códex”, não se sabe, e esta questão não tem grande importância. De qualquer maneira, o homem continuará a “inventar dispositivos para dar permanência, consistência e alcance ao seu pensamento e às invenções de sua imaginação.” (A.M.p.212)

Bibliografia

- BROCH, Hermann. *Création Littéraire et Connaissance*. Paris: Gallimard, 1966.
 MACHADO, Arlindo. Fim do Livro?, *Estudos Avançados*. SP: USP, nº21, 1994
 MAFFESOLI, Michel. *Au Creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique* Paris: Plon, 1992
 ————. *O tempo das tribos* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
 STEINER, Geroge. *Après Babel* Paris: Albin Michel, 1981.

* Hérís Arnt é Doutora em sociologia e Professora Titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro